

QUESTÕES ATUAIS DA AQUISIÇÃO DE LI NA PERSPECTIVA DA TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS ¹

MARY AIZAWA KATO
(UNICAMP)

RESUMO: A teoria sintática, na perspectiva de Princípios e Parâmetros (P&P), vem sofrendo modificações desde sua proposição em 1981 e a consequência dessas modificações é sentida também nos estudos e questões sobre a aquisição/desenvolvimento do saber sintático na criança. Nestas palavras de abertura do “Workshop de Gramática e Aquisição” descrevo, em linhas gerais, as tendências observadas nessa área e também as minhas inquietações pessoais.

1. INTRODUÇÃO

Desde a publicação do modelo de Princípios e Parâmetros (P&P) em Chomsky (1981) e sua consolidação em Chomsky (1986), houve uma avalanche de trabalhos teóricos e empíricos na área da aquisição, ou desenvolvimento, da sintaxe infantil. Há divergências dentro da própria teoria, muitas das quais podem estar ligadas ao tipo de gramática que se está estudando. Não há um conceito uniforme do que seja a Gramática Universal, ou o estado inicial da mente humana, como também não há um consenso sobre a própria noção de parâmetro e o que detona sua fixação. Nesta comunicação, vou expor principalmente as minhas perplexidades e inseguranças diante da proposta Minimalista. Se já é difícil para nós ajustarmos nossos estudos sintáticos às propostas Minimalistas, o que não dizer dos nossos estudos psicolinguísticos? A única coisa que sabemos seguramente é que a criança aprende a falar rapidamente e sem dificuldades e que, nesse aspecto, a aquisição de uma primeira língua não depende dos mesmos mecanismos da aprendizagem de uma língua estrangeira em adulto, de um instrumento musical ou mesmo da leitura e da escrita em língua materna. Não parece haver dúvidas, hoje, quanto a língua ser uma propriedade geneticamente programada e parte da arquitetura da mente ser determinada por essa propriedade inata. Todo o resto é um ponto de interrogação.

¹ Este foi o texto de abertura do “workshop” de aquisição, cujos trabalhos aparecem publicados neste número de *Cadernos*. Agradeço a Maria Cecília Perroni pela leitura cuidadosa da primeira versão.

2. O MODELO LÓGICO DA AQUISIÇÃO

Por que as crianças adquirem suas línguas tão rápida e facilmente apesar dos dados ambientais serem entremeados de ruídos e serem cheios de imperfeições?

Para dar conta desse problema lógico da aquisição, ou o problema de Platão, a teoria gramatical vem passando por várias mudanças. O próprio Chomsky (1987), falando retrospectivamente da gramática de regras que era o modelo-padrão afirma que essa facilidade é devida ao fato da língua não ser definível por um conjunto de regras:

“There are no rules at all, hence no necessity to learn rules”².

Chomsky (1987:15)

O desenvolvimento da teoria gramatical³ mostra primeiro uma fatoração das regras para extrair princípios mais gerais; em seguida uma limpeza das redundâncias nas restrições e/ou princípios. O passo seguinte seria considerar os próprios princípios como epifenômenos de algum princípio ou lei mais geral. O programa Minimalista propõe o Princípio da Economia (Chomsky, 1991, 1993, 1995), atualizado através de sub-princípios. As operações só acontecem de forma visível quando absolutamente necessárias e quando são, devem se restringir a movimentos mínimos. A derivação mais bem avaliada, portanto, é a que tem os movimentos encobertos (só em Forma Lógica (FL)), com uma saída fonética precoce.

O que numa língua ocorre dentro da sintaxe visível, isto é, antes da saída fonética, em outra língua pode ocorrer só em FL. Logo, a variação lingüística é uma função de onde se dá a saída fonética (o “spell-out”). A diferença é atribuída à morfologia, cujos itens podem ter traços fortes, atratores de movimento, ou não. No primeiro caso o movimento é visível em sintaxe e, no segundo, não, postulando-se movimento só em FL.

Todos os elementos lexicais são inseridos plenamente flexionados, já de início, e seu movimento para o esqueleto funcional se caracteriza como uma operação de checagem, de verificação de seus traços, e não de afixação. Essa checagem se dá de forma visível ou encoberta, dependendo das flexões serem de natureza forte ou fraca. A flexão temporal do inglês é fraca, logo o verbo permanece dentro de VP, só sendo checado no núcleo funcional relevante em FL. No francês os traços são considerados fortes, uma vez que o movimento é visível em sintaxe.

3. O PROBLEMA PSICOLÓGICO DA AQUISIÇÃO

Se a lógica do desenvolvimento da teoria não é difícil de entender, por outro lado, o pesquisador envolvido em questões de aquisição vê-se destituído das questões concretas anteriores (seja a regra da passiva, na gramática padrão, seja um parâmetro como o do

² Não há absolutamente regra alguma, o que implica em não haver necessidade de aprendizagem de regras. (trad. minha)

³ Veja sobre o assunto: Galves (1995), Miotto (1995), Kato (1995)

sujeito nulo, na teoria de P&P) que permitiam avaliar o desenvolvimento infantil, quer experimentalmente quer em corpus natural em função de construções específicas.

A gramática é vista como constituída de um Léxico e um sistema computacional que relaciona Forma Fonética(FF) e FL da forma mais econômica possível. Não há regras e nem operações opcionais. Os níveis de representação significativos são justamente os que constituem as interfaces com outros módulos: FF e FL, que são os lugares de “INPUT” e “OUTPUT”. Desaparecem os conceitos tradicionais de Estrutura-P(rofunda) e Estrutura-S(uperficial), como níveis de representação. A grade temática e o critério temático, que foram tão usados como sendo os primitivos que ancorariam o desenvolvimento sintático deixam de ter o mesmo espaço na computação.

Em suas perguntas de aquisição, Chomsky aborda apenas a natureza do estado inicial S_0 e da língua-I, idealizando a aquisição como um processo instantâneo. Com o modelo de Princípios e Parâmetros, Chomsky afirma ter respondido ao problema lógico da aprendizagem. Contudo, para os psicolingüistas, restam para ser respondidas as questões psicológicas da aquisição em tempo real tais como: a) como os princípios são ativados, b) como os parâmetros são definidos e c) de que natureza é o conhecimento da criança nas diversas fases do desenvolvimento.

Como sabemos, há duas abordagens antagônicas dentro da mesma teoria lingüística -- a teoria da maturação e a teoria da continuidade, assim como uma versão fraca dessas duas posições. Dentro da visão maturacional, ainda temos duas tendências: a) aquela que propõe a maturação dos universais formais, isto é dos princípios (Wexler e Borer, 1984; Otsu, 1981) e b) aquela que propõe a maturação dos universais substantivos, isto é das categorias funcionais (Radford, 1990, Lebeaux, 1987, etc). Pela teoria da maturação forte, o que a criança entende ou produz inicialmente não se caracteriza como gramática assemelhando-se a um *pidgin*. A teoria fraca da maturação caracteriza essa fase inicial como sub-configurações de um língua-I. Para alguns (por exemplo Radford,1990; Lebeaux, 1987, Guilfoyle e Noonan, 1988), a criança só dispõe de projeções lexicais (VP, NP, AP, PP). Já para Rizzi (1994), a criança italiana tem até o IP, mas não dispõe de CP⁴. Pela teoria da continuidade, por outro lado, a gramática da criança em todas as suas fases é uma gramática das línguas naturais (Hyams, 1986, Hyams & Wexler, 1993), com todos os princípios ativados, embora seus enunciados possam ser truncados por problemas de processamento (v., por exemplo, Bloom, 1993) ou de desconhecimento de itens lexicais (Kato, 1995).

Todos os comportamentos aparentemente deficitários da criança, na fase da gramática emergente, em relação aos do adulto, podem ser uniformemente explicados pela escolha do valor do parâmetro que produza derivações mais econômicas: movimentos encobertos, movimentos mais curtos quando necessários⁵. O problema da

⁴ Essa diferença parece ser uma conseqüência do tipo de língua que a criança está aprendendo. O inglês analisado pelos primeiros não tem movimento do verbo para I, enquanto o italiano tem movimento até mesmo do infinitivo. Os dados da criança devem refletir essa diferença do “input”

⁵ Esta é exatamente a proposta recente do valor “default” apresentada por Watanabe (1994), para quem o valor não-marcado seria a gramática que requer mínimo esforço, isto é, menos movimentos visíveis em sintaxe. Analisando dados de línguas germânicas, Watanabe observa que a criança pode produzir a forma SOV em sentenças raízes mesmo com o verbo finito, quando, no alemão adulto, V move-se necessariamente para o núcleo temporal, já que a ordem do alemão seria [S Te [O V]. Em termos minimalistas, a criança

aquisição recai então sobre a forma de marcação do parâmetro, que discutiremos mais adiante.

Para explicar como a criança desde cedo já produz uma gramática possível das línguas naturais, Hyams (1983) propôs que ao invés da criança avaliar o “input” e marcar o valor do parâmetro como (+) ou (-), haveria para todo parâmetro um valor “default”, que seria a hipótese nula da criança. Não havendo dados contraditórios a esse valor, a gramática continuaria com o valor “default”; havendo evidências (positivas) contra esse valor, a criança remarcaria o parâmetro.

Para Hyams a variação entre sujeito nulo e sujeito lexical exclui a hipótese de capacidade limitada de processamento. A variação na criança, segundo ela, é a mesma de línguas de sujeito nulo (NS) como o italiano⁶. A criança de fala inglesa passaria então por duas fases:

a) +Sujeito nulo (NS) = opção não-marcada (a gramática de toda criança emerge com a marcação igual a do italiano, espanhol, português). Ilustrando:

- (1) a. Change pants a'. Papa change pants
 b. Take a nap b'. Mama take a nap

b) Reanálise ou refixação do parâmetro em crianças aprendendo línguas de sujeito não-nulo (NNS) em vista principalmente da constatação da existência de expletivos:

- (2) a. Outside cold! a' Is toys in there.
 b. It is not cold outside. b' There's no more.

c) O sujeito pronominal é sempre obrigatório e não-enfático. Para se obter ênfase, é necessário acento extra.

- (3) a. He arrived.
 b. HE arrived.

O problema da tese de Hyams é que a gramática infantil apresenta também objetos nulos e a flexão verbal é esporádica ou ausente. A pergunta que surge é a seguinte: já que o chinês não tem morfologia flexional e tem tanto sujeito nulo quanto objeto nulo, enquanto o italiano e o espanhol só têm sujeito nulo⁷, a criança não teria como valor “default” a gramática do chinês, especialmente considerando que sua morfologia flexional não é rica como a do adulto?⁸

procrastina ao máximo, deixando V *in-situ*, até que é induzida a mover o verbo quando percebe o efeito da morfologia finita na ordem dos constituintes.

⁶ Veja essa tese contestada em Simões, neste volume e também em estudo de Valian (1990).

⁷ Não está em jogo o objeto nulo de referência arbitrária, mas o de referência definida.

⁸ V. Kato (no prelo) propõe que o chinês dispõe de uma pessoa gramatical, a terceira, e que as três pessoas do discurso são gramaticalmente de terceira pessoa, como as formas de tratamento. A gramática da criança é a mesma do chinês uma vez que a criança se refere a si mesma, ao falante e a uma terceira pessoa do discurso com nomes próprios. O “input” terá que lhe dar pistas para determinar se o sistema de referência é nominal ou pronominal e, no segundo caso, se a flexão é pronominal ou não. O sujeito nulo será mantido no primeiro caso e no terceiro.

Mas se a tese continuísta apresenta problemas para esse caso específico do parâmetro do sujeito nulo, a tese maturacional não deixa de ser problemática. Se a gramática emergente não tem D nem I (que contém Tempo), os nominais não teriam referência e seriam meros predicados e os enunciados, sem I, não podem ser nem verdadeiros nem falsos. Sem T, não teremos a referência da sentença, que é o seu valor verdade. Além disso, sem C, os enunciados não podem ser interpretados como asserções, perguntas etc. Logo, a sintaxe da criança não teria FL e nenhum papel na interface, o que parece um absurdo.

Se admitirmos ainda que os movimentos visíveis em algumas línguas ocorrem em outras línguas de forma invisível, só em FL, por que não admitir o mesmo para as gramáticas emergentes? Propõe-se, então, que as categorias funcionais necessárias para a interpretação dos enunciados - as que têm interpretação em FL e as únicas admitidas no programa Minimalista -- estão presentes desde o início: D, I, C e Neg.

Na perspectiva do Minimalismo, a criança seria guiada pelos Princípios de Economia. Antes de aprender a natureza da morfologia, a criança iniciaria com o valor do parâmetro mais econômico, com a morfologia tanto verbal quanto nominal presumidas fracas, o que explicaria as formas produzidas na fase que os maturacionistas como Radford, Lebeaux e Guilfoyle e Noonan chamaram de Léxico-temática. Não haveria nem subida de verbo e nem subida de NPs, permanecendo tudo dentro da projeção lexical do verbo. Mas o fato de não haver movimentos na sintaxe visível não exclui a possibilidade da existência do esqueleto funcional, onde os elementos poderiam ter seus traços checados em FL. O “default” seria, portanto, de ausência de traço forte nos diversos núcleos funcionais.

Uma questão pertinente até a segunda versão do Minimalismo era se a linguagem da criança projetaria ou não, por exemplo, a categoria AGRP (cf. Watanabe, 1994). Já na Segunda versão do programa (Chomsky (1995) a categoria AGR é eliminada, já que só constituem categorias funcionais aquelas que são interpretáveis em FL. AGR seria apenas um traço da categoria I (Flexão). Como fica, então, toda a teoria do parâmetro do sujeito nulo, quase consensualmente proposta como ligada à morfologia de concordância? Uma possível resposta a essa questão pode ser lida em Kato (no prelo), no qual proponho que os morfemas de concordância de línguas de sujeito nulo sejam itens independentes na numeração e sejam inseridos como uma categoria D que funciona como argumento externo do verbo. A diferença entre uma língua como o inglês, que dispõe de pronomes fracos e não afixos pronominais, estaria na forma de checagem: a concordância sobe para I e ali checa seus traços-phi e caso, enquanto o pronome sobe para o especificador de I. Línguas de sujeito nulo não projetam o Spec de I. As línguas como o chinês teriam apenas o afixo nulo de terceira pessoa para todas as pessoas do discurso e é este afixo nulo que é inserido como argumento em VP, ocorrendo o mesmo com a criança aprendendo o inglês, a qual, proponho, tenha um sistema uni-pessoal igual ao chinês. Os detalhes desta proposta podem ser lidos no referido artigo.

4. CONCLUSÃO

O que parece ser convergente em todas as abordagens é que a aprendizagem do que é particular nas línguas começa a ocorrer só depois que a criança tem experiência com a morfologia presente nos dados do ambiente exterior. Mas pesquisas recentes mostram (cf. referências em Pinker, 1994), que, já na barriga materna, a criança passa a identificar a prosódia de sua língua. Se a sintaxe e a prosódia se determinam mutuamente, como defendem Galves e Galves, neste encontro, quanto da sintaxe já estará definida antes da criança nascer?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOOM, P. (1993) Grammatical continuity and language development: the case of subjectless sentences. *Linguistic Inquiry*, 24,4:721-34.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht:Foris.
- _____. (1986) *Knowledge of Language*.
- _____. (1987) On the nature, use and acquisition of language. Kioto Lectures I, ms.
- _____. (1991) Some notes on economy of derivation and representation. In R.Freidin (ed) *Principles and parameters of Comparative Grammar*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- _____. (1993) A minimalist program for linguistic theory. In: K.Hale & J Keyser (eds) *View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- _____. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- GALVES, Ch. (1995) Princípios, Parâmetros e Aquisição da linguagem. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 29:137-152.
- _____. e A. GALVES (1998) The role of prosody in language change and language acquisition
- GUILFOYLE, E. & M.NOONAN (1988) Functional categories and language acquisition. Montreal: McGill University, ms.
- HYAMS, N. (1986) *Language Acquisition and the Theory of parameters*, Dordrecht: Reidel.
- _____. & K. WEXLER (1993) On the grammatical basis of null subjects in child language. *LI*, 24; 421-459.
- KATO, M.A. (1994) Raízes não-finitas na criança e a construção do sujeito. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 29: 119-136.
- _____. (1995) Sintaxe e aquisição na teoria de princípios e parâmetros. *Letras de Hoje*, 102: 57-74.
- _____. (no prelo) Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. *PROBUS*, a publicar.
- LEBEAUX, D. (1988) *Language Acquisition and the Form of the Grammar*. University of Massachusetts: PH.D. Dissertation.
- MIOTO, Carlos (1995) A gramática gerativa e aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*, 102:75-82.
- PINKER, S. (1994) *The Language Instinct: how the mind creates language*. New York: William Morrow and Co.
- RADFORD, A. (1990) *Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax*, London: Basil Blackwell.
- WATANABE, A. (1994) Triggers in the extended split INFL hypothesis. *Studia Linguistica* 48(2):156-178.